**TRADUÇÃO DO CONTO 冰雪美人**

Nossa vila chama-se "Vila do Cavalo Branco"; é um lugar bem remoto, a mais de cem quilômetros de distância da cidade. Apesar de ser pequeno, o lugar tem paisagens muito bonitas e ar puro. Nos últimos anos, começou a se desenvolver uma indústria de turismo. As pessoas vêm na primavera para ver as flores, no verão para pescar, no outono para ver as folhas vermelhas e no inverno para esquiar nas montanhas. Num investimento conjunto com uma empresa de Hong Kong, a vila construiu uma enorme pista de esqui.

Quando terminei a escola, não fui para a faculdade, mas fiquei em casa sem fazer nada, além de vadiar com outros jovens da vila. Meu pai se preocupava muito, temendo que eu fosse para um mau caminho, então foi atrás de algo para eu fazer.

O irmão mais novo do meu pai era o médico da vila; eu só chamava ele de "tio" mesmo. Antigamente, ele trabalhava num hospital na cidade, mas hoje ele se aposentou e abriu uma clinicazinha na vila. Meu pai me mandou lá para estudar medicina.

No dia em que meu pai me mandou para a clínica do meu tio, ele e minha tia estavam brigando. Eles me viram chegando. Minha tia foi para dentro chorando e bateu a porta, fazendo um barulhão. Por dentro, eu estava com medo, pensando que a briga deles tivesse algo a ver comigo. Talvez minha tia não gostasse que eu fosse lá aprender medicina.

Meu tio me olhou de relance sem dizer nada. Ele sentou numa cadeira e tirou um cigarro do bolso. O cigarro não estava bom, logo ele pegou outro, acendeu e começou a fumar. Meu tio fumava tanto que os dedos dele ficavam até amarelo-escuro.

Meu pai pegou dez ovos em conserva, colocou-os em cima da mesa e disse: "Esses aqui foram sua cunhada que preparou, podem comer.”

O tio falou: "Estamos em família, não precisa de formalidades", parecendo tranquilo. Ele pegou um cigarro e jogou para o meu pai. Ele por sua vez tentou pegar mas não conseguiu. Imediatamente, fui pegá-lo e consegui, então entreguei ao meu pai. Olhando para mim, meu tio disse: "Pegou rápido, hein!". Eu quis contar para meu tio que eu praticava baseball no time da escola, mas não falei nada, pois antes de chegarmos lá no meu tio, meu pai me disse que era para eu falar pouco e fazer muito.

Estudar medicina não é fácil. Meu pai me disse várias vezes: "Estudar medicina não é fácil, mesmo sendo com o seu tio. O tio é da família, então pode ser que ele pegue leve contigo. Mas não a tia; ela não tem relação de sangue com a gente, então ouça tudo o que ela disser." Meu pai disse: "Muito tempo atrás, eu estudei numa farmácia tradicional. Ao início do segundo ano lá, eu ainda não tinha começado a aprender. Tinha que fazer várias coisas, ajudar a cuidar de crianças, lavar, varrer, acender o fogo... Eu fazia de tudo. É assim que se estuda medicina! É preciso falar pouco e fazer muito”.

Quando terminou de fumar seu cigarro, meu tio acendeu mais um. Ele disse: "E não é bom estudar um pouco? Se não acha, vá viver de negócios! Estude medicina bem e você será bom em tudo”.

Meu pai falou: "Irmão, eu e sua cunhada temos apenas esta criança. Ele é seu sobrinho, você e sua mulher podem mandar nele, brigar com ele, bater nele, não tem problema.”

Meu tio falou: "Sem problema, você já pode ir. Ele mesmo quer estudar, pode deixar ele aqui. Se eu tivesse um filho eu com certeza não deixaria ele fazer isso."

Antigamente, meu tio era médico no interior. Ele trabalhava com tudo: medicina tradicional, medicina ocidental, cirurgia, medicina interna, pediatria, ginecologia. Depois da abertura econômica, meu tio passou numa prova e ficou dois anos estudando num hospital da cidade. Depois de voltar, ele continuou a trabalhar lá, onde virou cirurgião. No hospital da cidade, ele fez algumas cirurgias muito importantes com sucesso. Ele vivia se estressando, e o hospital não fazia ideia de o que fazer ele. Quando meu tio quis se aposentar, todos concordaram imediatamente.

Depois de se aposentar, meu tio abriu aqui na vila uma pequena clínica. Tão pequena que tinha apenas dois cômodos. Ainda assim, ele colocou na porta uma placa enorme, que dizia "Grande Hospital dos Guan". Nosso sobrenome é Guan, daí o nome. Como antigamente meu tio era muito famoso, e para as pessoas da vila ir até o hospital na cidade era difícil e caro, sempre havia bastante gente em sua clínica. Meu tio era médico, minha tia enfermeira. Ela era camponesa e só estudou até a terceira série. Não muito tempo atrás, eles fizeram uma grande cirurgia, que deu muito certo sem que eles gastassem muito dinheiro. A fama do meu tio era cada vez maior nas vilas do interior.

A clínica do meu tio só tinha dois cômodos, um dos quais era a sala de cirurgia. Lá, havia uma cama para examinar os pacientes, e uma mesa, sobre a qual estavam algumas bandejas com facas e coisas do tipo. Também tinha um armário amarelo, dentro do qual havia alguns frascos de remédios. E estes eram todos os equipamentos do tal "Grande Hospital Guan".

Já fazia mais de seis meses que eu estava na clínica do tio. Neste período meu trabalho era varrer o chão, aquecer a água e ao meio dia ir comprar comida: uma marmita para o meu tio, uma para minha tia e outra para mim. À noite, meus tios voltavam para casa para dormir, enquanto eu dormia na clínica de vigia. Meu café da manhã e o meu jantar eram miojo, e às vezes meu tio trazia mais alguma coisinha para mim. Quanto à medicina, eu aprendia um pouco. Meu tio me ensinou a reconhecer os remédios mais comuns e, quando vinha alguém à noite comprar remédios, eu podia vendê-los. No inverno eu também tinha mais uma tarefa: acender a fornalha de centro. Todo dia de manhã quando o tio e a tia chegavam no consultório, já era para a fornalha da sala de espera estar acesa.

Meu tio tomava bastante água; pelo menos dez litros e meio de água morna por dia. Ele tinha uma caneca muito, muito grande. Era bem velha, até preta, e ele gostava muito dela. Ele me deixava fumar, mas não deixava eu beber na caneca dele. Eu queria muito que um dia ele esquecesse a caneca na clínica para eu poder tomar água nela ao menos uma vez e saber o gosto dela. Porém, meu tio nunca me deu tal oportunidade, pois para onde quer que ele fosse ele levava a caneca, até para a sala de cirurgia quando ia operar alguém.

Um dia de manhã, eu acendi o fogo e fervi água para o tio. Limpei a mesa, varri o chão, depois comi miojo na frente da mesa. Lá fora, estava nevando, e o vento soprava do norte. No entanto, por haver uma fornalha aqui no quarto, estava muito agradável. Logo, a água da chaleira ferveu e evaporava. Ela parecia estar cantando. Eu ouvia o som de água fervida e, através da janela, via a nevasca do lado de fora, assim como as ruas, as casas e os rios. O mundo todo estava branco. Meu coração sentiu-se vazio subitamente.

Eu limpei a janela algumas vezes com um pano, coloquei meu rosto nela e olhei para fora.

Vi um grande cachorro preto passando. Ao mesmo tempo, enxerguei uma mulher com uma cesta andando do rio para cá. Eu conhecia ela, seu sobrenome era Meng. Ela era uma viúva. Tinha uma filha chamada Meng Xixi que era minha colega. Sua família abriu um restaurante de *hotpot* chamado "Meng Yu Tou"[[1]](#footnote-0), por isso, as pessoas acostumaram a chamá-la de "Meng Yu Tou".

Olhando para a mãe da Meng, lembrei-me de muitas coisas que tinham acontecido na escola.

Meng tinha a mesma altura que a mãe dela, mas era mais bonita do que ela. Era realmente muito linda. Sua testa era muito grande e brilhante, suas sobrancelhas eram finíssimas e compridas. Seus olhos não eram tão grandes, mas sim brilhantes. Sua boca também era bonita, parecia uma cereja vermelha, e seu peito muito firme. Ela sempre usava sapatos de couro, andando no pátio da escola e no prédio de aula. Ela parecia muito confiante e, em comparação com as outras meninas, era bem mais bonita.

Nossa escola era muito conservadora. Havia 58 regras a serem obedecidas. Estudantes não podiam fumar, beber, maquiar-se, fazer permanente ou usar salto alto, por exemplo. Se alguém violasse essas regras, seria punido ou expulso da escola. Nossa diretora era uma mulher e seu rosto era comprido. Eu achava-o muito feio. Ninguém gostava dela, porém todos a temiam.

Uma vez numa reunião, a diretora criticou Meng: "Tem aluno que não tem jeito! Se você olhasse para si mesma no espelho, ainda acharia que é mesmo uma aluna?". De repente, todo mundo olhou para Meng. Ela não parecia estar com raiva, olhando para os dois lados. A professora então gritou para Meng: "Estou falando de você! Em que lugar você pensa que está? Aqui é a escola, não é um bar!" Nesse momento, olhei para algumas meninas que estavam rindo secretamente. Elas pareciam muito felizes. Porém, os meninos pareciam desconfortáveis. Eu mesmo também não estava feliz. No entanto, Meng estava muito tranquila, com um sorriso pregado em seu rosto.

Ela andava no campus e no prédio todos os dias. Nossos meninos gostavam de vê-la.

Havia meninos que falavam com a Meng de propósito, outros traziam comidas gostosas para ela. Eu a trouxe uvas de casa um dia embrulhadas no papel. Na hora do intervalo, dei-lhe as uvas e fui embora rapidamente.

Indo para a aula em breve depois daquilo, voltei à sala. Meus colegas estavam gritando e pulando. A sala estava bastante barulhenta. Meng tinha pegado as uvas e jogado aos meninos. Eles se juntaram para pegar as uvas, enquanto ela também comia umas. Eu me senti meio triste, pois não gostei que ela deu as uvas aos outros. Porém, também estava um pouco feliz por ela ter comido algumas. Senti que a relação entre nós dois ficou mais próxima. Os meninos estavam gritando no momento em que a diretora entrou na sala. Logo, todo mundo foi se acalmando lentamente.

Meng chegou na frente da professora com o rosto avermelhado e disse em voz baixa: "Desculpe..."

A professora perguntou para todo mundo: “De quem são as uvas? Quem deu elas para Meng?” Senti meu rosto quente e abaixei minha cabeça com pressa. Ela me chamou pelo meu nome e me mandou dizer quem tinha dado as uvas à Meng. Na hora em que eu ia responder, Meng se levantou e disse: “As uvas são dele. Eu tirei elas[[2]](#footnote-1) da mão dele.”

A professora perguntou a mim: “Isso é verdade? Ela tirou da sua mão?”. Eu dei uma olhada nela e disse baixinho: “Sim, sou eu…” A minha voz estava muito baixa, nem eu pude ouvir claramente.

Fui eu que tinha dado as uvas à Meng, não foi ela que tirou de mim. Mas eu tinha medo da professora e não ousei falar a verdade. Portanto, me senti mal pela Meng.

Um dia, no horário de aula, a coordenadora veio nos dizer: “As barbearias e os restaurantes, tais como o restaurante de cabeça de peixe do Zhang, do Li ou etc., são os ofícios de erotismo.” Todo mundo logo olhou discretamente para Meng. Seu rosto estava pálido, mas ainda sim surgiu um sorriso nele.

Um dia de manhã, eu segui Meng até a escola. Depois do acontecimento, senti pena dela. Queria muito me explicar, mas quando finalmente ficamos cara-a-cara, não consegui falar nada. Ela, por sua vez, simplesmente riu e foi embora. No caminho para o prédio de ensino, a coordenadora estava de pé por lá e parecia brava. Os colegas não se atreveram ir mais à frente porque ninguém quis esbarrar nela. Só Meng foi em sua direção. De repente, percebi que a coordenadora estava lá justamente esperando por Meng. Parecia que meu cérebro estava em chamas quando ouvi a professora-coordenadora a chamando: "Meng! Pare!"

Eu me escondi atrás de uma árvore grande e vi que a professora tinha parado na frente de Meng. Eu não conseguia ver o rosto de minha colega por trás da árvore. Após um tempinho, Meng abaixou sua cabeça para frente, esbarrando bem na boca da professora. Todo mundo ouviu a professora gritando, e depois vimos ela cobrindo sua boca com a mão. Depois, Meng virou-se para o portão da escola e se foi. Sua postura casual fez parecer que nada tinha ocorrido. Daí por diante, nunca mais voltou à escola. Ela fora expulsa, mas nós, estudantes, tínhamos achado que ela havia saído da escola por vontade própria.

Depois de ela ir embora da escola, os negócios do restaurante “Meng Yu Tou” começaram a se sair bem com a mãe e a filha. Frequentemente, nós víamos a mãe vestindo um *qipao*[[3]](#footnote-2) recebendo os clientes na entrada. Depois de sair da aula, na escola, ouvi a coordenadora falando mal de Meng. Cada vez que eu via minha colega na rua, me sentia muito mal.

Enquanto pensava nela, olhava para fora da minha janela. Vi que a mãe dela ia se aproximando da entrada do hospitalzinho e também vi que seus braços estavam ficando cada vez mais paralisados por causa do frio. Em sua cesta, tinha dezenas de cabeças de peixe gordas.

Naquele momento, me lembrei das palavras do meu pai. Quando as pessoas tinham fofocado sobre o restaurante da Meng, meu pai tinha dito a eles, “Não falem tanto assim! Não é fácil para uma viúva gerenciar um restaurante tão grande com sua filha. Tenho certeza que ficariam incomodados vocês mesmos se descobrissem que elas tivessem ganhado dinheiro. Só estarão felizes enquanto não tiverem o que comer? Isso é lá motivo decente pra ficarem contentes?” Achei que as palavras do meu pai foram muito razoáveis.

Antigamente, quando brincava com as criancinhas mal comportadas, havia algumas vezes que queria comer no restaurante da Meng. Mas se ao menos visse a bonita da Meng à distância, já sentia muita dor. Quando vi meus amigos a importunando, fui embora com pressa. Depois, cheguei a brigar feio com eles, mas sempre saía magoado e ferido pelos seus tapas. Também me queixei: “Ela é sua esposa? É sua irmã? Não, não é sua esposa nem sua irmã. Então por que é da sua conta?”

Depois de ficar aprendendo medicina com meu tio, havia muito tempo que não via Meng e nem pensava nela. Ao ver sua mãe andando pesado no campo de neve um dia, me lembrei dela. Pensava comigo mesmo, “O que ela está fazendo?”

De repente, uma coisa mágica aconteceu. Meng estava andando devagar em direção ao hospital. Sua casa ficava muito longe do hospital do meu tio. Bem na hora que eu estava pensando nela, ela surgiu!

Eu vi uma guarda-chuva amarelo no caminho pro hospital. No começo, eu achei que estava errado, mas quando ela se aproximou devagar, vi uma bela figura embaixo do guarda-chuva. Na nossa cidade, Meng Xi tinha a melhor aparência de todas. Independemente de como ela andasse, transmitia a todos sua nobreza e elegância. Meng Xi foi chegando cada vez mais próximo. Seu rosto ficava mais nítido quanto mais perto ela chegava. Eu sabia que ela passaria na frente do hospital rapidamente. Também sabia que, quando ela passasse, meu coração doeria muito. Eu supunha que qualquer coisa poderia acontecer.

Naquele momento, ela chegou na porta do hospital. Depois de algum tempo, ela ainda não tinha aparecido na frente da janela. Meu Deus, ela já estava na frente da porta do hospital! Eu aproximei meu rosto ao vidro da janela, e a vi na frente da porta, olhando para ela. Meng Xi levantou sua mão e parou por um segundo. Parecia que ela estava pensando sobre alguma coisa, e então eu ouvi o som de uma batida na porta. Eu dei um pulo e corri, pra abrir a porta. Seu rosto cintilante me deixou tonto. De repente, meus olhos começaram a lacrimejar. Uma brisa gelada trouxe neve pra dentro do recinto, parecia que também trouxe uma fragrância delicada. Eu sabia que era o perfume do seu corpo. Ela educadamente me acenou com a cabeça e sussurrou:

“O doutor Guan está aqui?”

Eu disse: “Não”, e senti os meus dentes baterem.

Eu vi que ela estava decepcionada. Falei imediatamente: “Meu tio chegará logo. Ele não deixará de vir. Ele certamente virá.”

Ela sorriu, dobrou seu guarda-chuva, limpou seu sapatos varias vezes e entrou. Ela colocou seu guarda-chuva atrás da porta e tirou seu casaco de caxemira preto, fechando a porta. O mundo frio foi deixado atrás da porta. O fogo na lareira estava forte, e dentro da casa havia somente duas pessoas. Meu coração estava pulando de alegria. Eu coloquei a cadeira em que meu tio normalmente sentava em sua frente. Entretanto, ela se sentou no banquinho dos pacientes, colocando o casaco de caxemira sobre seus joelhos. Agora, conseguia ver claramente; ela estava vestindo uma saia branca que quase chegava à altura dos seus pés. A saia era de muito boa qualidade, parecia muito lisa. Ela estava vestindo um par de sapatos brancos e um lenço branco na cabeça. Ela desamarrou o lenço e disse: “Está muito quente aqui.”

Eu não sabia o que falar e nem fazer para ela. Ouvi o que ela disse, peguei a chaleira, depois coloquei mais carvão na lareira. Escutei-a perguntar nas minhas costas: “Como estão seus estudos? Está tudo certo?”

Eu disse, meio sem jeito: “Bem, não aprendi nada… Você sabe, eu sou devagar.”

Ouvi sua risada, mas ela parou de rir imediatamente. Antes, ela não costumava ser assim, sua risada era bem mais alta e clara. Eu levantei minha cabeça e a vi abraçar seu casaco e lenço na sua barriga, como se ela estivesse com medo de alguém tomá-los dela. Seu rosto estava pálido e a sua testa molhada de suor. Eu perguntei: “Como você está? Você está se sentindo mal?”

Ela disse: “Não é nada”

Eu disse: “Espere, vou ligar para o meu tio.”

Eu saí correndo do recinto, mas só tinha dado alguns passos quando dei de cara com meu tio e minha tia. Rapidamente disse: “Tio, vem depressa!”

Meu tio falou irritado: “O que foi?”

Eu falei: “Tem uma paciente.”

Ele bufou. Minha tia perguntou: “Quem é?”

Eu disse, meio sem jeito: “É a Meng Xi.”

Meu tio olhou em meus olhos, bufou de novo e falou: “Qual tipo de doença?”

Minha tia disse friamente: “DST”

Quando chegamos no hospital, eu abri a porta e deixei meu tio e minha tia entrarem primeiro. Meng Xi pegou o casaco e o lenço, levantou-se e disse: “Olá, doutor guan”

Meu tio bufou de novo. Minha tia olhou Meng Xi dos pés a cabeça e falou: “Antes você era a Meng Xizinha, o que aconteceu, onde você está sentindo dor? Não precisa se levantar, sente lá.”

Meng voltou a sentar no banquinho quadrado. Vi o rosto dela ficar cada vez mais pálido e o suor correr em sua testa.

O tio parou na frente da porta e, com o chapéu, tirou a neve que estava no corpo. Eu estava muito preocupado. O tio tirou o casaco, colocou o jaleco e foi lavar sua xícara. A água do chaleira já estava fervendo. "Tio, a água já está pronta para fazer chá" falei a ele.

Ele tragou o cigarro algumas vezes e, em seguida, tirou da bolsa a xícara grande, abriu a lata e pôs as folhas de chá na sua palma da mão. Colocou as folhas dentro da xícara e logo despejou a água para enchê-la.

O tio olhou surpreso para mim e acenou com a cabeça. Ele colocou o jaleco e trouxe a tinta e a receita. Perguntou a Meng: "Onde é que está doendo?".

Ela moveu um pouco o banquinho e se acercou ao tio. Quando estava prestes a falar, ouviu-se um choro vindo de fora da porta:

"Doutor Guan, doutor Guan, por favor, salve a minha mãe..."

Em seguida, a porta foi arrombada. Uma mulher gorda, vestida de roupa preta, entrou rapidamente. De primeira vista, eu a reconheci. Ela era a Sun Qigu da vila.

O tio bateu na mesa e falou entediadamente:

"Porque você está gritando? O que tem a sua mãe?"

Sun Qigu disse: "Minha mãe não está muito bem..."

O tio perguntou: "O que aconteceu?"

Sun Qigu gritou ainda mais alto: "Vômito, dor de barriga. Mas meus dois irmãos não se importam nem um pouquinho com ela."

O tio disse: "Traga-a aqui, não vou sair para examinar."

Sun Qigu disse: "Ela já está vindo, deixa eu te contar uma coisa."

Neste momento, ouviu-se vindo da rua o grito de uma mulher: "Estou morrendo..." ela clamava. Os dois irmãos da Sun Qigu usaram uma porta para trazer a mãe até a frente do hospital e soltaram-a em cima da neve. Ela tinha um corpo longo e magro, cabelo grisalho, e não parava de se levantar e deitar, levantar e deitar. Os filhos ficaram apenas olhando-a. O tio falou:

"O que vocês estão fazendo aí fora? Tragam ela."

Os dois irmãos da Sun Qigu queriam entrar com a porta mas não conseguiram. O tio então disse novamente: "Deixe a porta e levante ela." Um irmão segurando a perna e o outro segurando a cabeça finalmente colocaram a mãe em cima da cama de hospital. O tio tomou alguns goles de chá e começou a examiná-la. A mulher velha gritou:

"Vou morrer, vou morrer..!"

O tio tocou a barriga dela com a mão e disse: "Você não vai morrer, É só apendicite. Uma cirurgia já basta."

O irmão da Sun Qigu perguntou ao doutor: "Quanto vai custar?"

O tio falou: "Quinhentos."

Outro irmão da Sun Qigu resmungou: "Quinhentos..."

O tio perguntou: "Vai fazer cirurgia ou não? Se não for fazer, já podem tirar ela."

Sun Qigu respondeu apressadamente: "Faz, sim! Faz, sim! Doutor Guan, faça a cirurgia sim. Dinheiro não é problema. Se eles não pagarem, eu mesma pago."

Ela olhou impositivamente aos dois irmãos e disse: "Só temos uma mãe. O dinheiro que gastarmos podemos recuperar, mas se ela morrer, isso não tem mais volta."

O tio falou à tia: "Prepare-se para a cirurgia."

A tia, lavando as mãos, disse: "Por uma cirurgia como essa na cidade vocês teriam que pagar pelo menos 3 mil".

O tio voltou a tomar a metade do copo, acenou a cabeça para Meng e foi lavar as mãos. Ela parecia queria falar alguma coisa, mas não disse nada.

Dentro da sala de cirurgia, ouviu-se um grito alto que cessou logo em seguida. Os dois filhos da família de Sun estavam agachados ao lado da fornalha de centro, sem parar de fumar. O cheiro da sala era muito desagradável. Meng parecia estar com dor, mas ficou sentada firme, apenas as duas mãos mexendo continuadamente, segurando e soltando o casaco e o cachecol.

Perguntei atenciosamente a ela: “Você está sentindo dor?”

Ela concordou com a cabeça e logo em seguida discordou novamente. Vi lágrimas em seus olhos, me deixou muito triste. Ouvi ela dizendo baixinho: “Por favor, abra a porta….”

Abri a porta e a neve e o vento gelado entraram. Meng Xixi abriu a boca para respirar o ar fresco.

Lavei a tigela que usei para o miojo, enchi de água pela metade, entreguei-a a ela e disse: “Beba um pouco d’água.”

Ela balançou a cabeça, sorriu esforçadamente e disse baixinho: “ Obrigada”.

Ansiosamente, ora eu escutava os sons dali de dentro, ora eu olhava para a sala através do vão da porta, pensando se o tio poderia terminar a cirurgia logo para atender Meng Xixi.

Finalmente, a cirurgia foi terminada.

A tia saiu também e disse, entediada, aos irmãos da família Sun: “Leve-a, leve-a, tragam o dinheiro mais tarde.”

Eles então finalmente foram embora. O tio trocou de roupa, fumou, tomou uma boa quantidade de chá e se preparou para atender Meng Xixi. Neste momento, um homem alto esbarrou na porta de repente e entrou com as mãos cobrindo o rosto.

Gritando, ele disse: “Me salve doutor Guan.”

O tio perguntou: “O que aconteceu?”

A pessoa tirou a mão do rosto todo ensanguentado com um olho pendurado para fora. Rapidamente, cobriu o rosto de novo. Parecia que tinha medo de ser visto pelos outros. Eu o reconheci, era o Makui. Ele trabalhava com fogos de artifício.

Makui disse chorando: “Eu estou muito azarado hoje, estava pensando em fazer um experimento no dia de neve, mas não esperava explodir meu olho.”

O tio disse impiedosamente: “Bem feito”.

Ele então disse chorando e gritando: “Me salve, tenho uma mãe de oitenta anos em casa…”

O tio disse: “O que isso tem a ver com sua mãe?”. Levantou rapidamente e foi lavar as mãos.

Apoiado na tia, Makui entrou na sala de cirurgia. O tio também entrou na sala, de novo, sem atender Meng Xixi.

Fiquei insatisfeito com o tio. Parecia que ele não queria atendê-la propositalmente porque sabia que tinha tempo suficiente.

Meng Xixi também percebeu isso. Ela balançou a cabeça para mim quando olhei para ela. Parecia que estava me dizendo que me compreendia.

Fiz uma nova tigela quente de chá para ela tomar, mas ela balançou a cabeça. Pedi então para ela deitar-se um pouco na cama lá de dentro.

Makui estava gritando sem parar na sala de cirurgia. Olhei para as horas, já era quase meio dia. Precisava comprar marmita, mas estava muito confuso naquele dia e sem fome. Perguntei a Mengxixi: “Você está com fome? Posso comprar uma marmita para você?”

Ela continuou balançando a cabeça levemente. Não via mais suor no seu rosto, apenas sua cara amarelada, lábios esverdeados e aqueles olhos brilhantes de antes que agora tinham se apagado. Na minha memória, ela sempre esteve bem, sua voz sempre soava bonita. Mas naquele momento, era tão silenciosa e sofria tanto para sorrir... Só conseguia balançar a cabeça de leve.

Não percebi quando a neve parou e de repente o vento também tinha ficado mais fraco. O sol raiou e nossa sala clareou. Eu disse a ela: “ A neve parou, saiu o sol.”

Ela não concordou nem discordou, também não me respondeu. Percebi repentinamente que seu rosto estava transparente como gelo. Gritei alto: “ Xiexie!”

Ela não teve nenhuma reação. Corri e bati em seus ombros, mas ela parecia não ouvir nada, e sua cabeça tombou de lado.

Escancarei porta de cirurgia e gritei alto: “ Tio, tio!”

O tio, entediado, disse: “ O que você está gritando?”

“Mengxixi…Ela parece que morreu…” falei e comecei a chorar.

O tio saiu correndo rapidamente e ajoelhou-se diante dela, verificou sua respiração, pegou em seu pulso e analisou seus olhos.

Ele aplicou o estimulante cardíaco, começou a socar seu coração e usou o desfibrilador. No fim, o tio levantou do chão desanimado.

* Sofia Kawall, nºusp 9330505
* Biyan Hu, nºusp 10936041
* Xinyue Li, nºusp 10934230
* Sungwon Yoon nºusp 9822261
* Caique Freitas Souza n°usp 976416
* Su Yueh Tzu n°usp 10322496
* Simon Groenbæk Henriksen n°usp 10955939

1. Na história, o restaurante de *hotpot* servia especificamente cabeça de peixe. Yu Tou (鱼 头) significa cabeça de peixe. [↑](#footnote-ref-0)
2. No lugar de "tirei-as", a tradução "tirei elas" cabe neste contexto informal de fala, inclusive dado que é uma criança falando. [↑](#footnote-ref-1)
3. Qipao (旗 袍) é um vestido tradicional chinês, normalmente vermelho. [↑](#footnote-ref-2)